

YVONE MENDONÇA DE SOUSA

**REFLEXÕES
EM TEMPO E
PÓS-PANDEMIA**

Aracaju-SE



2024

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome do autor, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Diagramação
Joselito Miranda

Capa
Roseilde Reis

Digitação
Kairós Digitação e Serviços

Imagens
Pexels e Freepik

Fotos
Acervo da autora

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Sousa, Yvone Mendonça de.

S725r Reflexões em tempo e pós-pandemia. / Yvone Mendonça de Sousa.
- Aracaju: ArtNer, 2024.

244p.:il; 15cm x 21 cm

ISBN: 978-65-83131-03-4

- | | |
|--------------------------------------|-----------------------|
| 1. Literatura Sergipana - Compêndios | 2. Guerra Viroológica |
| 3. Covid-19 – Conflitos sociais | 4. Fatos -Reflexões |


I – Título

CDU: 821.134.3(813.7) - 94

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

Editora ArtNer Comunicação

Tel.: (79) 99131-7653 · editoraartner@gmail.com · artner.com.br



*“O livro é a prova de que somos
capazes de sonhar, imaginar, inventar
e transformar um mundo de fantasias
em realidade.”*

*“Só um livro é capaz de fazer
a eternidade de um povo.”*

Eça de Queiroz

*“Literatura não é apenas filosofia e poesia,
retórica e estética; é todo o pensamento e
toda a palavra, todas as paixões todas as
ideias, todas as formas, todas as cores e
todas as harmonias da vida.”*

Olavo Bilac

Da pena ilustrada da educadora de gerações em Sergipe, as reflexões se sucedem como uma revoada de pássaros que acontece sobre uma cidade no mesmo horário todos os dias.

As reflexões elencadas nesta obra, mostram situações que a humanidade não esquecerá a curto prazo.

Sandra Natividade

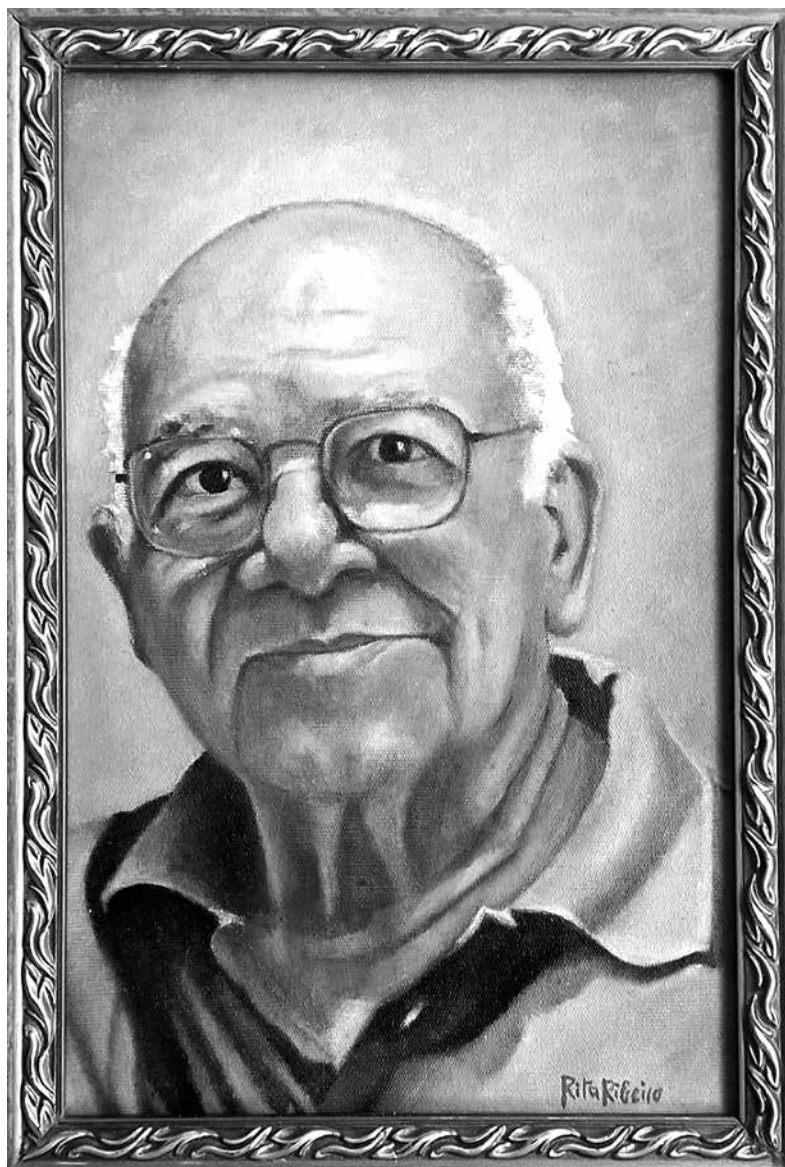
Paulo Mendonça Sousa

Irmão querido e amado,
um ser humano iluminado.

Há pessoas que nascem, perlustram sua caminhada neste mundo, apenas para se fazer farol e iluminar vidas. Sabe-se em que consiste um farol. É uma luz brilhante que em forma de torre, na costa, com foco de luz, serve para orientação dos navegantes. Há pessoas que vivem como farol, servindo de guia, de orientação de vidas. Um cooperador de Deus dizendo sim a seus irmãos e semelhantes na difícil caminhada da vida.

Assim viveu Paulo. Irmão carinhoso e dedicado aos irmãos e amigos. Um senhor do sim, conforme afirmou seu amigo Dr. Jackson Barreto, à beira de sua sepultura, num preito de gratidão, respeito e reconhecimento. Desprendido na expressão semântica da palavra. Lembra a trajetória de um dos cidadãos mais generosos que conheci: o vovô, João Evangelista de Sousa, agricultor e carpinteiro de pequenas e médias embarcações. Vivia numa região campesina às margens do Rio Sergipe. Construía pequenos barcos de pesca, gratuitamente, para oferecer aos pescadores simples em sua jornada familiar. Era proprietário de um lindo sítio com um coqueiral e bananeiral, além de dezenas de árvores frutíferas, alegria de seus queridos netos no período das férias escolares.

Uma fonte de reminiscências à sombra das mangueiras e jaqueiras, alegria da infância. Era um homem feliz e hospitaleiro.



Paulo foi sua maior herança genética. Trouxe em seu gene a seiva do servir com amor e sem intenção de troca. Uma vida extremamente altruísta e alterocêntrica. Seu testemunho, sua simplicidade, disponibilidade para servir e amar indistintamente o ser humano tinha a marca nos seus expressivos olhos abertos ao eu artístico e a emoção estética. Era um amante do belo. Também um amante do ato de servir. Sempre imbuído no exemplo sublime d'Aquele que veio ao mundo mais para servir do que ser servido: Jesus Cristo.

Yvone Mendonça de Sousa.

Os agradecimentos da família à ilustre pintora Rita Ribeiro pela delicadeza de pintar a fotografia de Paulo Mendonça.

O amor não desaparece jamais

A morte não é nada. Eu somente passei para o outro lado do caminho.
Eu sou eu, vocês são vocês. O que eu era para vocês, eu continuarei sendo.

Deem-me o nome que vocês sempre me deram; falem comigo como vocês sempre falaram.

Vocês continuam vivendo no mundo das criaturas, eu estou vivendo no mundo do Criador.

Não utilizem um tom solene ou triste, continuem a rir daquilo que nos fazia rir juntos.

Rezem, sorriam, pensem em mim. Rezem por mim.


Que meu nome seja pronunciado como sempre foi, sem ênfase de nenhum tipo. Sem nenhum traço de sombra ou tristeza.

A vida significa tudo, o que ela sempre significou, o fio não foi cortado.

Por que eu estaria fora de seus pensamentos agora que estou apenas fora de suas vistas?

Eu não estou longe, apenas estou do outro lado do caminho...

Santo Agostinho



Gratidão

A Deus,
Que com Sua onipotência e onisciência me permitiu perlongar os caminhos da existência até o presente momento, contemplada com a lucidez necessária para louvar e declamar o mais belo e maior de todos os poemas: *a vida*.

Às confradeiras da Academia Literária de Vida,
Uma ilustre plêiade de sonhadoras que têm como corifeia a imortal escritora e poeta Lígia Pina, fundadora da primeira Academia Feminina no Estado de Sergipe, hoje uma força cultural motriz em terras sergipanas.

Aos confrades e confradeiras da União Brasileira dos Escritores/SE, através da Prof.^a Dr.^a Sônia Azevedo, cuja inteligência e compromisso tem se constituído um farol a iluminar e movimentar o universo cultural de Sergipe.



UBE
União Brasileira de Escritores
NÚCLEO DE ARACAJU



SUMÁRIO

PREFÁCIO	13
----------------	----

REFLEXÕES

CORONAVÍRUS – COVID-19: UMA HECATOMBE UNIVERSAL.....	22
CORONAVÍRUS E LEPROSA – APENAS UM PARALELO.....	27
TELEVISÃO, VEÍCULO MAIS POPULAR DE COMUNICAÇÃO DE MASSA NO BRASIL	32
RENASCIMENTO PÓS-CORONAVÍRUS	35
NO MUNDO INTEIRO CIDADES VAZIAS	39
O HOMEM É UM SER ESSENCIALMENTE GREGÁRIO	43
A PROBLEMÁTICA DOS VALORES EM TEMPO DE PANDEMIA	48
A CRUZ	53
REFLEXÃO SOBRE A CRIANÇA EM TEMPO DE PANDEMIA	58
SITUAÇÕES ANTAGÔNICAS NO TRATO COM OS ANIMAIS.....	63
ARCO-ÍRIS: CONCERTO DE DEUS APÓS O DILÚVIO	72
DIA DO PROFESSOR EM TEMPO DE PANDEMIA	77
DOAR UM SABONETE ME FEZ SENTIR ABENÇOADA	80
DE PASSAGEM POR JERICÓ E UM MILAGRE EM JERUSALÉM.....	83
A VIOLÊNCIA URBANA SE MULTIPLICOU COM A PANDEMIA.....	89
A VOZ DA PROFECIA.....	93
<i>MÉDICINS SANS FRONTIÈRES</i> – MÉDICOS SEM FRONTEIRAS, UM HALO DE SOLIDARIEDADE, CIÊNCIA, ESPERANÇA E AMOR	97
A GUERRA DA UCRÂNIA, SEUS HORRORES E HEROÍSMOS	101
UM PEDIDO COMOVENTE	105
DIA DO DETENTO	110
9 DE JULHO DE 2019 – 50 ANOS DO BATISTÃO	
DIA DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA	115
O BOMBEIRO	119

PERFIS

PERFIL DE UM GRANDE EDUCADOR E CIDADÃO	125
UMA MENSAGEIRA DO AMOR VIAJA REPENTINAMENTE PARA A MANSÃO CELESTIAL.....	129
UM GRANDE AMIGO FOI EMBORA PARA SEMPRE SEM DIZER ADEUS E SEM ABRAÇO	132
MIKHAIL GORBACHEV O HOMEM QUE FEZ HISTÓRIA.....	135
WELINGTON ELIAS, UMA LENDA NO RADIALISMO SERGIPANO	138
RAINHA ELISABETH II, UM REINADO LONGEVO E ADMIRADO	141
ADRIANO, O BOM SAMARITANO DO MERCADO CENTRAL	
NUM DOMINGO ENSOLARADO, FUI ALVO DE UM GESTO MAGNÂNIMO	146

RESENHAS

O PEREGRINO	150
O PEQUENO PRÍNCIPE	158

HOMENAGENS AOS ESCRITORES/AS

ALAIDE SOUZA COSTA	169
AMOROSA	171
DR. GUSTAVO MELO ANDRADE	173
IZABEL MELO	175
LUCIANO DINIZ	177
MANOEL CARDOSO	180
NEILTON DINIZ	183
OTONIEL ALMEIDA	185

DEPOIMENTO DE EX-ALUNOS/AS

CASSIA FREIRE DE BARROS	190
DISCURSO INFORMAL PROFERIDO PELA EX-ALUNA IRACI EVANGELINO.....	192
LENALDO DA SILVA	195
SANDRA NATIVIDADE	198
SÔNIA AZEVEDO	204

DISCURSO

DISCURSO PROFERIDO DURANTE A COMEMORAÇÃO DOS 60 ANOS DO CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE SERGIPE.....	209
PAULO MENDONÇA, UM ILUMINADO.....	218
MOMENTOS ESPECIAIS DA VIDA CULTURAL ENTRE AMIGOS E IRMÃOS.....	223

PREFÁCIO

Valorizo o livro como apropriado instrumento de sabedoria, forma inequívoca de conhecimento. Quanto à leitura, vejo como viajar e regar-se na fonte inesgotável do saber, caminho infinito da educação. Voltar a ler uma obra escrita por Yvone Mendonça de Sousa, mestra por excelência na arte de educar, é como se estivesse conversando pessoalmente com essa singular educadora sergipana que por si só transmite experiência de vida abundante, uma obstinada em tudo o que faz.

Acerca dessa profissional que dissemina o saber de forma singular, escreverei um pouco sobre sua performance no magistério. Yvone, a educadora sergipana de bem com a vida, sua presença irradia conhecimento, é empática, distinta, faz amizade com facilidade, a conversa, o discurso, acontece de forma natural e flui fácil em qualquer ocasião. O reconhecimento pelos seus muitos méritos não lhe oportuniza ares de superioridade, o diálogo sempre ocorre, não faz acepção de pessoas, assim obedecendo muito bem o que diz a Bíblia no livro de Tiago 2:9. Detentora de oratória imbatível, deixava os alunos impactados. Yvone era considerada a musa da Escola Normal, desenvolvida, afável, respeitada e querida por todos. Seu currículo é conhecido nas lides educacionais pela desenvoltura e acolhimento destinados ao alunado, entre as disciplinas que lecionou destaque-se: português, literatura e francês.

O Colégio Jackson de Figueiredo foi seu pioneiro no ingresso ao magistério, depois vieram outros estabelecimentos a exemplo

do Tobias Barreto, Colégio Estadual Atheneu Sergipense, Instituto de Educação Rui Barbosa (de onde foi aluna, professora e diretora), Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus, Colégio Pio Décimo, Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, Colégio Nossa Senhora de Lourdes e Colégio Patrocínio de São José; daí, incursionou sempre na docência na Universidade Tiradentes e Faculdade Pio Décimo.

Até chegar em seu livro atual, a obstinada mestra de gerações escreveu: *Louvando a vida, O Neologismo na linguagem jornalística, Trajetória de uma vida, Sindicato dos Professores e perfil dos presidentes, Reminiscências e outros escritos, Momentos – uma ponte entre o passado e o presente*. Entre tantas homenagens recebidas ao longo de sua preciosa vida, a mais recente aconteceu em dezembro de 2023 tendo seu nome apostado no Espaço Literocultural do Escritor Sergipano Professora Yvone Mendonça de Souza, na biblioteca do *campus* da Faculdade Pio Décimo. Tenho professora Yvone Mendonça como a maior e melhor declamadora e intérprete do poeta abolicionista Antônio Frederico de Castro Alves, conhecido como “o Poeta dos escravos”; nunca ouvi nem vi alguém declamar Navio Negreiro com tanta perfeição.

Recebi da autora, convite para prefaciar seu sétimo livro, sob o título *Reflexões em tempo e pós-pandemia*, este para deleite dos leitores brevemente, juntar-se-á aos já publicados. Conhecedora da sua importância para a educação em Sergipe, acolhi, para mim misto de responsabilidade e privilégio. Li em primeira mão bebendo com os olhos que corriam velozes na infinidade dos caracteres apresentando histórias vividas pela autora em “tempo e pós-pandemia” da Covid-19. Anotei os mínimos detalhes de sua proverbial, clara, objetiva e concisa escrita. Yvone, professora por vocação, é uma idealista; tripudia os obstáculos do percurso chegando a mais uma obra de notável valor. Inicia lembrando o

leitor sobre um acontecimento que flagelou a humanidade. Era apenas um embrião detectado no final de 2019, mas o vírus maldito se alastrou colocando o mundo no seu bojo. Ao se referir a melancólica passagem do terrível fato, a reconhecida educadora lamenta a retirada de uma das mais agradáveis demonstrações de afetividade entre os seres humanos — o abraço e o aperto de mão — terminantemente proibidos enquanto durou a epidemia.

Lendo Yvone, não consigo esquecer a também escritora Cora Coralina, goiana de nascimento, quando escreveu: “É que tem mais chão nos meus olhos do que cansaço nas minhas pernas, mais esperança nos meus passos do que tristeza nos meus ombros, mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça”. As duas escritoras demonstram ser imbatíveis. Tristeza pelas perdas no trajeto de suas existências houve sim; no caso específico da escritora sergipana, as tristezas estão em parte superadas pelo reconhecimento, carinho e valorização que recebe dos que lhe cercam ao longo de sua bem-sucedida jornada.

Da pena ilustrada da educadora de gerações em Sergipe, as reflexões se sucedem como uma revoada de pássaros que acontece sobre uma cidade no mesmo horário todos os dias. As reflexões elencadas nesta obra, mostram situações que a humanidade não esquecerá a curto prazo. Yvone faz paralelo entre o Coronavírus e a tão temida hanseníase do passado. Ao escrever minudentemente sobre cidades vazias detêm-se nos conflitos bélicos Síria X Palestina mostrando uma realidade que pessoalmente não queria ver. Sua escrita acerca dessas cidades, faz a autora lembrar as belas paisagens que conheceu de perto em suas inúmeras viagens internacionais. A Covid-19 fez isto também: silenciosamente, a guerra virológica foi grassando significativa parte da população, as cidades apresentaram um quadro que lembrava urbes desabitadas na acepção da palavra. Entretanto, a autora

viu no caos instalado no mundo pandêmico surgir uma rede de solidariedade criando um sentimento fraterno, envolvendo a população que passou a se doar mais ao próximo. O ato fraterno me reporta a Miqueias 6:8 quando exorta a “(...) *prática da justiça, da benignidade e andar humildemente com o teu Deus*”, a rede de fraternidade se concretizou.

A autora de *Reflexões em tempo e pós-pandêmicos* é responsável pela formação profissional e intelectual de muitos educadores e comunicadores. Sua vivência com alunos da área de comunicação, hoje profissionais, a fez escrever *O Neologismo na Linguagem Jornalística*, livro específico para aqueles profissionais; portanto, ensinar e escrever com maestria está no seu DNA, na verdade é dom dessa mestra de gerações que nos brinda com tão salutar obra. O saudoso jornalista Ibrahim Sued, crítico e colunista social, em seu livro *20 Anos de Caviar*, se reportando aos neologismos na língua portuguesa, assim se expressou: “(...) criei novas palavras e expressões que se incorporaram ao vocabulário popular”, e citava alguns amplamente conhecidos (SUED, 1972). Já Mário Erbolato em seu livro *Jornalismo Especializado*, sobre o assunto diz: “(...) na divulgação dos assuntos científicos o jornalista restringe-se a realidade, fugindo à fantasia” (ERBOLATO, 1981). Todavia, o assunto não se exaure nas redações nem tão pouco nas publicações de livros, portanto, Yvone sempre esteve na vanguarda fazendo do binômio ensinar/escrever, seu padrão de vida ajudando a muitos.

Nos anos de pandemia a autora teria escrito compêndios, mas se conteve para nos presentear com estas que são, também, nossas reflexões a partir do lançamento de *Reflexões em tempo e pós-pandemia*, porque a pandemia da Covid-19 marcou o planeta para não mais ser esquecida. O tempo do confinamento familiar, de segregação, medo, incerteza, serviu para um fato

novo: repensar valores tornando as pessoas mais compreensivas, próximas umas das outras, vendo sob nova ótica os mais necessitados, em especial aqueles que fazem da rua sua morada, nos fazendo lembrar que o Deus que cuida dos pássaros embeleza os lírios do campo. Estou a caminhar nas reflexões contidas nessa obra de importância real que celebra e exalta a vida em suas multifacetadas nuances, nos fazendo ver os terríveis momentos passados bem recentemente. Voltando o olhar ao passado, a visão enturva só de pensar que nossos antepassados peregrinaram por situações semelhantes, com epidemias a exemplo do cólera, gripe espanhola, febre amarela. Até então, imaginávamos a extensão da calamidade; depois da Covid-19, a sensação é de devastação, a ética e a moral foram peremptoriamente colocadas em segundo plano, o jargão do confinamento “fique em casa” ressoou, pintando um quadro surreal pautado por violência urbana, feminicídios, estupros a vulneráveis e desemprego, sentiu-se na pele atrocidades inimagináveis.

Mas nem tudo foi caótico no período pandêmico, e a autora descreve fatos mostrados pela mídia, dignos de grandeza no âmbito da educação, quando cita recortes altruístas de professoras de três estados distintos: Mato Grosso, Ceará e Pará, casos de verdadeiro devotamento em favor dos discentes. Essas professoras percorriam muitos quilômetros para levar atividades curriculares a seus alunos porque as escolas estavam fechadas, mas, para os alunos não se atrasarem no cumprimento da grade curricular, elas despendiam esforços hercúleos para serem úteis ao presente e futuro deste país, os alunos. Martin Luther King Jr, ferrenho defensor dos princípios de liberdade e igualdade e dos direitos civis na América, certa vez, disse: “A inteligência e o caráter são os objetivos da verdadeira educação”. As professoras fizeram a diferença pela inteligência aguçada e o caráter exemplar.

A clausura pandêmica da autora lhe fez refletir e registrar muitos assuntos, reservando os proeminentes neste volume. Como exemplo, me prendeu a leitura do título “De passagem por Jericó e um milagre em Jerusalém” onde a escriba se desnuda mostrando fato de fé relevante no Cristo vivo. Yvone, criada em lar cristão evangélico, conta ter se sentido injustiçada pelo órgão de Seguridade Social da época, no tocante a sua aposentadoria. Passando, estranhamente, a receber mensalmente a menor, tentou resolver a situação argumentando, concomitante com consulta advocatícia, porém, sem sucesso. Houve a oportunidade de excursionar a Israel e, no muito percorrer próprio das excursões, chegou de passagem a Jericó. Ali empregou sua fé inabalável fazendo um pedido que tanto lhe afligia, que fosse sanada a injustiça em sua aposentadoria; assim, com os dedos cravados no Muro das Lamentações, o fez. O milagre aconteceu ainda em Jerusalém, pois, chegando a sua terra natal, a graça solicitada foi plenamente alcançada, o inadmissível equívoco ocorrido se desfez, passando a receber seus proventos de forma integral, com inclusão do tempo atrasado. Yvone relata o fato como um rasgo de fé n’Aquele que pode todas as coisas. A súplica perpetrada em Jericó mostra fé na Palavra e Hebreus 11:1 explica: *“Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se não veem”*. Fé e esperança andam juntas, Deus é justo e não desampara os seus.

Conflitos sociais, virológicos, bélicos, tragédias sociais da contemporaneidade, com e sem anúncios formais, são regiadamente abordados na obra. A autora não se detém em abordar conflitos bélicos a exemplo de Síria X Palestina, Rússia X Ucrânia, mas assuntos corriqueiros de ampla importância fazem parte dos bons arrazoados da perspicaz escritora. Os conflitos sociais vão desde aqueles conhecidos a partir do lar, com a comovente história de Zezinho, o filho da colaboradora doméstica de seus pais, ao universo existente nas ruas, no trabalho, na escola.

Abordagens e conflitos vivenciais que todos nós temos, conhecemos ou já passamos por qualquer deles nesta caminhada denominada vida. Tudo isto e muito mais, você, leitor, encontrará em *Reflexões em tempo e pós-pandemia*.

Imperativo não observar nas *Reflexões em tempo e pós-pandemia*, homenagens prestadas pela educadora a escritores que militam no cenário cultural de Alagoas, Bahia e Sergipe. Senti como se Yvone quisesse dizer: “quem honra, merece honra”. E, *Reflexões*, segue com a transcrição de homenagens escritas por alguns dos seus muitos ex-alunos e ex-colegas, em épocas distintas. A farta iconografia encerra as reflexões dessa que honra e se constitui legado de décadas na educação do aprazível estado de Sergipe. Recomendo e desejo a todos boa leitura.

Sandra Natividade

Membro da Associação Sergipana de Imprensa, Academia Literária de Vida, Academia de Letras de Aracaju, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e União Brasileira de Escritores/Aracaju





REFLEXÕES

CORONAVÍRUS – COVID-19

UMA HECATOMBE UNIVERSAL

No final do ano 2019, em meio às esperanças e comemorações fraternais compatíveis com o advento de um novo ano, este, trouxe no seu bojo, sem que ninguém percebesse tamanha gravidade, o embrião de uma doença que acometeria *a posteriori*, não apenas o país de origem, mas toda a humanidade. Sim, porque abrangeria todos os continentes e quadrantes da terra. Originada na China, um dos países mais populosos do mundo, onde um jovem dentista, ao detectar o problema viral, declarou sua real preocupação com os males que iria causar. Sua preocupação não foi levada a sério. E, por não se tomar as precauções epidemiológicas, provocou uma catástrofe para o ser humano. Foi ele um verdadeiro profeta. Sua profecia se consumou e o vírus se disseminou pelos diversos países dos continentes. Transformou-se numa terrível pandemia. Da cidade de Wuhan (China), onde surgiu, se espalhou pelo mundo afora. O governo chinês, num país de 1,39 bilhão de habitantes, diagnosticou 81 mil casos da doença e, com medidas drásticas a epidemia foi controlada. O que mais impressiona é que após um trabalho científico publicado que analisou esse problema e demonstrou depois de analisar estatísticas cuidadosas que 792 dos infectados por pessoas não foram testados e 552 do total de infecções foram de pessoas não documentadas, transmitindo para pessoas que tampouco foram documentadas.

(Fernando Reinach – *Jornal Estado de São Paulo*)

O que ocorreu? O vírus se espalhou — e continua se espalhando —, causando mortes, dizimando vidas preciosas por onde passa, como um verdadeiro furacão destruidor, matando muito mais que determinadas guerras. Os países não se preocuparam porque jamais pensaram em enfrentar tamanho e feroz inimigo da vida. Pela sua rápida propagação em massa, medidas extremamente restritivas foram tomadas, sendo a mais eficaz a quarentena ou isolamento domiciliar, com assepsia cuidadosa das mãos com sabão e uso de máscaras não só para os profissionais da saúde. A lavagem das mãos e o isolamento com a quarentena foram as duas determinações mais importantes pelas autoridades sanitárias para evitar a contaminação e proliferação do vírus maldito.

Vivenciando o momento histórico presente a exigir tantas e tamanhas precauções pra preservação da vida, faço algumas elucubrações e me vem à tona uma expressão: é que a história se repete na caminhada da humanidade do *ontem* para o *hoje*, momento presente. Basta que nos lembremos das pragas do Egito, no tempo de Moisés, quando houve morte e terror, ainda que em outra dimensão. E sem ir mais longe, as gripes espanhola e asiática, o ebola na África, todas com forte grau de letalidade.

Na atual conjuntura, apesar dos avanços científicos e tecnológicos, não foi possível descobrir uma vacina para imunizar as populações contra um vírus que ainda constitui novidade para a área científica. Estudiosos no mundo inteiro se debruçam, no silêncio dos laboratórios, em busca de uma solução antiviral da Covid-19. Enquanto não surge uma vacina, o coronavírus se alastra por todos os continentes estraçalhando vidas, economias e esperanças, isolando famílias e deixando cidades vazias como medida salutar para vencer e derrotar o inimigo destruidor. No entanto, paralelamente, um forte exército de pessoas

qualificadas e humanizadas se formou em todas as cidades espalhadas por todo o mundo para combater, com desprendimento e renúncia, o inimigo voraz e avassalador, o Coronavírus. E, com tanto denodo, competência e amor, há de esfacelá-lo e destruí-lo. Eu me permito compará-lo com o gigante Goliás, personagem bíblico muito conhecido por todos os cristãos. Pois bem, ele com toda sua soberba foi vencido pelo pequeno e grande Davi, pequeno na força e gigante no poder emanado por Deus. Assim, o exército mandado pelos profissionais da saúde, espalhado por todos os países, triunfará. *Alea jacta est* (a sorte está lançada). Cristo é o comandante desse exército movido pela operosa força das orações dos fiéis. É uma corrente poderosa de oração em favor da vida, precioso dom de Deus.

E, quem poderia imaginar que um exército de cientistas e pesquisadores se uniriam numa extraordinária cruzada para a extinção de um inimigo comum? Um organismo ultramicroscópico de 200 a 300 nanômetros de diâmetro, metabolicamente infeccioso, que se multiplica somente dentro de células hospedeiras vivas. Não podemos esquecer que a palavra *vírus* do latim, significa VENENO. Vamos torcer para que uma situação virustática, isto é, que faz cessar o crescimento do vírus, se apresente em tempo hábil, devolvendo a paz e a alegria de que todos necessitam para desfrutar a beleza da vida.

Que essa epidemia, que se transformou em pandemia, tenha seu tempo reduzido, uma vez que cresceu em dimensão exponencial, com efeitos deletérios, na China, Itália, Espanha, Estado Unidos, Irã, França, países Sul-Americanos, incluindo nosso Brasil, seja derrotado. Sim, com a reeducação do ser humano ao ser forçado a enclausurar-se com a família em seus lares, esvaziando ruas e praças em sua própria defesa.

Essa pandemia abriu uma clareira espiritual nas pessoas. Uma reflexão para a problemática dos valores, sendo um deles o

consumismo. Todos se igualaram pelo imperativo do isolamento. “Fique em casa” foi a expressão chave em todos as línguas e regiões. Palavra de ordem: seguir as orientações emanadas da Organização Mundial da Saúde (OMS), higienizar as mãos, ventilar as casas, proteger os idosos, cautela dos jovens, solidariedade, união e amor; jamais a humanidade foi tão igual na absorção de tais princípios e recomendações. Afastamento das atividades laborais, dos espetáculos, esportes. Só confinamento nas residências através de quarentena, aguardando o término do pico das contaminações. Funcionam apenas farmácias, supermercados, hospitais e estabelecimentos para atendimento das necessidades essenciais. Medidas tão drásticas geraram algumas polêmicas em termos de aceitação, porém, no consenso, foram aceitas em nome da sobrevivência.

Estudos indicam a dificuldade de contenção da epidemia, mas apontam que a letalidade deve ser menor. Cientistas espalhados por quase todos os países desenvolveram pesquisas, algumas delas promissoras. Enfim, se essas derem certo, já se pode sentir um halo de esperança. Nesse momento histórico tão conturbado pela guerra contra o Coronavírus é importante que digamos: *“Queremos trazer à memória tudo aquilo que nos dá esperança”* (Lamentações de Jeremias 3:21).

Em momento tão compungente na esfera mundial, os profissionais da saúde — médicos, enfermeiros, técnicos, paramédicos — abrem seus braços, envidam suas forças, suas inteligências, seu precioso tempo e seus corações, esquecendo-se de si mesmos, formando um aureolado exército de anjos brancos, a vigiar leitos marcados pela dor e sofrimento, porém firmes e inabaláveis ao cumprir fielmente, com desassombro e desprendimento, a maior e mais bela de todas as leis: a da solidariedade e do amor.

Melancólica testificação é sentir que, nesses momentos do avanço do Coronavírus, algumas das mais agradáveis demonstrações de afetividade entre os seres humanos, que são ABRAÇO e o APERTO DE MÃO, estão terminantemente proibidos enquanto durar a epidemia. Restam o calor da convivência e o sentido das palavras que levam conforto e alegria. Retomo a lição das pragas do Egito nos tempos de Moisés, o libertador do povo hebreu, para uma simples comparação plena de esperança. O povo hebreu, após tantas lutas, sofrimento e abalo na fé, venceu uma terrível caminhada quando o Mar Vermelho se abriu a protegê-lo, pelo poder de Deus, derrotando o inimigo à retaguarda. Pois bem: é assim que espero, com inabalável fé, que o Coronavírus tenha, em tempo hábil e no tempo de Deus, o seu momento de fragorosa derrota pela mão poderosa do Deus de Jacó, Deus de Abraão, o Deus que é o Alfa e o Ômega, e que comanda com Seu olho e poder onipotente o cosmo e toda vida nele contida; possamos num momento, não muito distante, reverberar em alto e bom som: *“Ebenezer – até aqui nos ajudou o Senhor”* (1 Samuel 7:12).

Aracaju/SE, 28.03.2020
(Época da quarentena)